

70 estudiosos renomados que aderiram ao condicionalismo – Se um dia o mortalismo será maioria nós jamais saberemos, mas o fato é que Cullmann e Stott são apenas dois entre muitos eruditos bíblicos conceituados que abandonaram a visão dualista clássica de imortalidade incondicional para mais perto da verdade bíblica da inatividade entre a morte e a ressurreição e da ausência de um tormento eterno. Ao longo dos últimos dois séculos, a quantidade de estudiosos que abandonaram o ponto de vista tradicional sobre a natureza humana tem se acumulado aos montões entre aqueles que foram criados e doutrinados com o ensino de uma alma incondicionalmente imortal.

Um trabalho primoroso que contempla centenas desses nomes foi organizado pelo site “Mentes Bereanas”, dividido em cinco partes⁷⁵⁵. De todos, eu selecionei os 70 mais relevantes para a lista a seguir, com alguns que eu acrescentei por minha conta. Todos os autores citados são de credibilidade amplamente reconhecida, contam com um currículo de dar inveja a qualquer um e são citados como referência acadêmica e intelectual até os dias de hoje. Eu revisei nome a nome para garantir que nenhum dos autores citados era adventista ou testemunha de Jeová, e também deixei fora os de “ortodoxia” duvidosa (como autores liberais que negam doutrinas basilares como a inspiração da Bíblia).

⁷⁵⁵ Disponíveis em:

- 1) <<https://www.mentesbereanas.info/a-vida-apos-a-morte-no-conceito-biblico-parte-1>>.
 - 2) <<https://www.mentesbereanas.info/a-vida-apos-a-morte-no-conceito-biblico-parte-2>>.
 - 3) <<https://www.mentesbereanas.info/a-vida-apos-a-morte-no-conceito-biblico-parte-3>>.
 - 4) <<https://www.mentesbereanas.info/a-vida-apos-a-morte-no-conceito-biblico-parte-4>>.
 - 5) <<https://www.mentesbereanas.info/a-vida-apos-a-morte-no-conceito-biblico-parte-5>>.
- Acesso em: 05/02/2022.

1. Richard Watson (1781-1833)

(Um dos principais teólogos metodistas do século XIX)

As dificuldades filosóficas que se levantaram perante esta opinião parecem ter surgido principalmente da suposição de que a consciência é um atributo essencial do espírito, e de que a alma é naturalmente imortal; sendo que a primeira não pode ser provada, enquanto que a última é contradita pelas Escrituras, que fazem da nossa imortalidade uma dádiva dependente da vontade do Doador.⁷⁵⁶

2. Richard Whately (1787-1863)

(Arcebispo anglicano, filósofo, economista e teólogo)

O pronunciamento de Jesus aos seus discípulos [em Mt 10:28] foi manifestamente destinado a lembrá-los de que seus inimigos só poderiam infligir morte temporária – só poderiam pôr fim à vida de um homem neste mundo; enquanto que o poder de Deus se estende a toda a nossa existência – para toda a eternidade – no próximo mundo, bem como neste. A questão sobre a condição intermediária entre a morte e a ressurreição evidentemente não estava na mente dele de modo algum.⁷⁵⁷

⁷⁵⁶ WATSON, Richard. *Theological Institutes: or, a view of the evidences, doctrines, morals and institutions of Christianity*. New York: T. Mason & G. Lane, 1836. v. 2, p. 83.

⁷⁵⁷ WHATELY, Richard. *A View of the Scripture Revelations Concerning a Future State*. London: Lindsay & Blakiston, 1842, p. 68.

Se, portanto, supormos que os ouvintes de Jesus e de seus apóstolos tenham entendido o mais próximo possível do sentido comum as palavras usadas, eles devem naturalmente tê-las concebido como significando (se não foi ensinado nada em contrário) que os condenados deveriam ser real e literalmente “destruídos” e deixariam de existir; não que eles deveriam existir para sempre em um estado de miséria. Pois jamais se fala deles como sendo mantidos vivos, e sim perdendo a vida: como por exemplo: “E não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40); “Quem tem o Filho tem vida; e quem não tem o Filho de Deus não tem vida” (1Jo 5:12). E, novamente, “perdição”, “morte” e “destruição” são usadas em numerosos trechos para expressar o destino dos condenados. Todas as expressões seriam, como eu já disse, naturalmente tomadas em seu sentido usual e óbvio, se nada fosse ensinado em contrário.⁷⁵⁸

3. Karl Immanuel Nitzsch (1787-1868)

(Líder da igreja luterana alemã e diretor do seminário de pregadores de Wittenberg)

A alma é dependente do Criador; ela não tem uma imortalidade absoluta. Certamente, ela foi criada e constituída com vistas à obtenção de uma vida eterna; mas ela perde a vida que lhe é pessoal na medida em que se torna uma estranha à verdade, ao amor e à salvação. Segue-se que com o progresso do pecado a alma avança em

⁷⁵⁸ *ibid*, p. 230.

direção à destruição que a espera no inferno; em outras palavras, em direção à sua morte.⁷⁵⁹

4. George Dana Boardman (1801-1831)

(Missionário batista e primeiro graduado do Colby College)

Nem um único trecho da Sagrada Escritura, de Gênesis ao Apocalipse, ensina, até onde posso ver, a doutrina da imortalidade natural do homem. Por outro lado, a Sagrada Escritura diz enfaticamente que só Deus tem a imortalidade. (...) Se o homem é inerentemente imortal, que finalidade haveria para alguma “árvore da vida” afinal? Isso parece estar bem claro: A imortalidade estava de alguma forma parabolicamente condicionada a comer desta árvore misteriosa, e a imortalidade era para o homem inteiro – espírito, alma e corpo.⁷⁶⁰

5. Edward Beecher (1803-1895)

(Teólogo e pastor congregacional, primeiro presidente do Illinois College)

Se [a Bíblia] não reconhece, ela também nega expressamente a imortalidade natural e inerente da alma. Ela nos assegura que só Deus possui a imortalidade (1Tm 6:16). Com base nisto, entendemos que Ele tem a imortalidade no sentido mais pleno – ou seja, a imortalidade

⁷⁵⁹ NITZSCH, Karl Immanuel. *System der Christlichen Lehre*. Bonn: A. Marcus, 1851, p. 253-254.

⁷⁶⁰ BOARDMAN, George Dana. *Studies in the Creative Week*. New York: The National Baptist, 1878, p. 215-216.

inerente. Toda a existência além de Si mesmo, Ele criou e sustenta. Os homens não são, como Platão ensinou, seres eternos, autoexistentes, imortais em sua verdadeira natureza. (...) Não há imortalidade inerente da alma como tal. O que Deus criou Ele mantém em existência, e pode aniquilar à vontade.⁷⁶¹

6. Amos A. Phelps (1805–1847)

(Pastor congregacional e líder abolicionista americano)

Esta doutrina [da imortalidade natural] pode ser rastreada através dos canais lamacentos de um Cristianismo corrompido, um Judaísmo pervertido, uma filosofia pagã e uma idolatria supersticiosa, até o grande instigador do mal no Jardim do Éden. Os protestantes a tomaram emprestada dos católicos, os católicos dos fariseus, os fariseus dos pagãos, e os pagãos da antiga serpente, que foi a primeira a pregar a doutrina nos humildes recessos do Paraíso para um público bem disposto a ouvir e dar atenção à nova e fascinante teologia: “Certamente não morreréis”.⁷⁶²

⁷⁶¹ BEECHER, Edward. *History of Opinions on the Scriptural Doctrine of Retribution*. New York: Appleton, 1878, p. 58.

⁷⁶² PETTINGELL, John Hancock. *The Life Everlasting: What is it? Whence is it? Whose is it?* New York: J.D. Brown, 1883, p. 640.

7. Franz Julius Delitzsch (1813-1890)

(Teólogo luterano, professor da Universidade de Leipzig e tradutor da Bíblia)

De acordo com o conceito bíblico, a alma pode ser morta (Nm 35:11) e é mortal (Nm 23:10). Ela une o espírito e o corpo, e este vínculo é cortado pela morte.⁷⁶³

8. George Gabriel Stokes (1819-1903)

(Matemático, cientista, físico, político, professor e teólogo nas horas vagas)

Nenhum argumento favorável à imortalidade natural da alma que este autor tenha visto, parece-lhe ser de qualquer valor; e, quanto à crença predominante entre nações sem instrução, se é verdade que o homem foi criado numa condição em que, se ele tivesse continuado, teria sido apto à imortalidade, e foi dotado com aspirações à imortalidade, era natural que depois da perda da imortalidade devido à transgressão, o homem buscasse satisfazer seu desejo de imortalidade imaginando que tinha algo imortal em sua natureza.⁷⁶⁴

Tem sido bem colocado que as Escrituras baseiam nossas esperanças de uma vida futura, não na imortalidade da alma, mas na ressurreição do corpo. Há relativamente poucos trechos em que o estado intermediário parece ser mencionado de qualquer maneira. Destes,

⁷⁶³ DELITZSCH, Franz Julius. *A Commentary on the Book of Psalms*. New York: Funk and Wagnalls, 1883. v. 1, p. 180.

⁷⁶⁴ STOKES, George Gabriel. *That Unknown Country, Or, What Living Men Believe Concerning Punishment After Death*. Massachusetts: C. A. Nichols & Co., Publishers, 1888, p. 828.

dois ou três são tão obscuros que sua verdadeira interpretação é bem incerta. Há dois ou três em que, à primeira vista, o estado intermediário parece ser referido como sendo de consciência, mas que, em uma análise mais aprofundada, mostram-se como, de acordo com o entendimento deste autor, perfeita e naturalmente explicáveis com base na suposição oposta. (...) O escritor do presente artigo aventura-se a dizer que sua própria mente se inclina fortemente para o conceito de que o estado intermediário é um no qual, assim como num desmaio, o pensamento está em suspenso; um que, concordemente, envolve uma aniquilação do tempo interveniente para cada indivíduo em particular.⁷⁶⁵

9. Andrew Robert Fausset (1821-1910)

(Clérigo anglicano, Ph.D. pelo Trinity College e comentarista bíblico)

“Carne” e “alma” descrevem o homem inteiro. As Escrituras baseiam a esperança de uma vida futura, não na imortalidade inerente da alma, mas na restauração do corpo com a alma.⁷⁶⁶

Em parte alguma [da Bíblia] se ensina a imortalidade da alma distinta do corpo; um conceito que muitos erroneamente derivaram de filósofos pagãos.⁷⁶⁷

⁷⁶⁵ *ibid*, p. 829-830.

⁷⁶⁶ FAUSSET, Andrew Robert; JAMIESON, Robert; BROWN, David. *Commentary Critical, Practical and Explanatory on the Old and New Testaments*. Philadelphia: S.S. Scranton & Company, 1871. v. 1, p. 789.

⁷⁶⁷ *ibid*. v. 3, p. 784.

10. James Nisbet (1823-1874)

(Missionário e ministro presbiteriano)

No relato bíblico da criação e da Queda do homem não há nada indicando que o homem era por criação um ser imortal. Pelo contrário, sua imortalidade é representada como dependente, não de sua condição de criação, e sim de algo fora dele, e seu direito ao uso disso era dependente da obediência dele, e disso ele foi cortado em sua Queda, “para que não viva para sempre”. Não há nada indicando que a “morte”, imposta por sua desobediência, afetou só uma parte de sua natureza, ou era algo menos do que a eliminação total.⁷⁶⁸

S. Paulo, ao defender que a doutrina da ressurreição pertence à essência da fé, corajosamente usa o argumento de que sua negação logicamente conduz à adoção da máxima manifestamente anticristã, de que teríamos de aproveitar ao máximo esta vida enquanto a temos, pois é tudo o que temos – “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”. A doutrina da imortalidade natural independentemente de ressurreição levaria a uma conclusão bem diferente. (...) O homem deve olhar, não para dentro de si mesmo, mas para fora de si em busca da garantia da imortalidade.⁷⁶⁹

⁷⁶⁸ NISBET, James. *Immortality: a clerical symposium on what are the foundations of the belief in the immortality of man*. London: James Nisbet & Co., 1887, p. 118.

⁷⁶⁹ *ibid*, p. 121, 124.

11. John J. S. Perowne (1823-1904)

(Bispo anglicano, reitor de Peterborough e vice-diretor do St. Davids College)

Tire a verdade cristã de uma ressurreição que nos é assegurada pela ressurreição de Cristo, e esses argumentos perdem sua força. Você é deixado em um mundo de sombras. Você está lutando em vão para se assegurar da sua existência pessoal no além. A imortalidade da alma é um fantasma que ilude seu desejo de agarrá-lo.⁷⁷⁰

12. Robert W. Dale (1829-1895)

(Líder da igreja congregacional inglesa, presidente do Conselho Congregacional Internacional e doutor pela Universidade de Yale)

Não estou apercebido de que elas [as posições do mortalismo] tenham prejudicado de alguma maneira a autoridade em meu ensino de qualquer uma das grandes doutrinas centrais da fé cristã. A doutrina da trindade permanece intocada; a doutrina da encarnação, a doutrina da expiação em seu sentido evangélico, a doutrina da justificação pela fé, a doutrina do julgamento pelas obras e a doutrina da regeneração receberam, acredito eu, uma nova e mais intensa ilustração com base nessas conclusões.⁷⁷¹

⁷⁷⁰ PEROWNE, John J. S. *Hulsean Lectures on Immortality*. Los Angeles: University of California Libraries, 1868, p. 31.

⁷⁷¹ FREER, Frederick Ash. *Edward White: His Life and Work*. London: Elliot Stock, 1902, p. 355.

13. Lyman Abbott (1835-1922)

(Pastor congregacional, Ph.D. pela Universidade de Nova York e editor-chefe da revista *The Christian Union*)

O conceito de que a punição final do pecado é a continuação no pecado e sofrimento também se baseia em parte, segundo me parece, numa falsa filosofia do homem. Esta filosofia é que o homem é por natureza imortal. (...) A imortalidade pertence unicamente à vida espiritual, e essa vida espiritual é possível somente na comunhão e contato com Deus; em suma, a imortalidade não foi conferida à raça na criação à revelia, mas é conferida na redenção, sobre todos os da raça que escolherem a vida e a imortalidade por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.⁷⁷²

14. Heinrich Hermann Schultz (1836-1903)

(Pregador-chefe da Universidade de Göttingen e abade de Bursfelde)

Estou bem certo de que a opinião comum sobre esta doutrina não é derivada de origens cristãs, e sim dos dogmas da filosofia grega que tornaram Deus e o mundo iguais, e, naturalmente, encontrariam a fonte da vida divina e imortal na natureza, especialmente na natureza do homem. O evangelho, ao ensinar-nos que não há vida a não ser pela vontade de Deus, obriga-nos a pensar que não pode haver vida eterna, mas apenas em Deus e naquelas naturezas que a recebem

⁷⁷² ABBOTT, Lyman. *That Unknown Country, Or, What Living Men Believe Concerning Punishment After Death*. Massachusetts: Nichols & Co. Publishers, 1888, p. 74.

dEle. (...) Ele tornou o homem herdeiro da própria vida imortal de Deus, mas na condição dele permanecer ligado ao seu Senhor em amor e obediência (a árvore da vida no Éden). Mas o homem na sua separação pecaminosa de Deus não tem esta vida. Ele está entregue à morte, e somente por sua salvação, ou seu julgamento, ele foi dotado com uma vida transitória.⁷⁷³

Mas o evangelho nos ensina que haverá a segunda morte, e que Deus dará ao réprobo, com o inferno, a morte e o diabo, às chamas eternas de Sua ira – isto é, que Ele vai destruí-los como o fogo destrói a palha e a madeira jogadas nele. Isso é o que eu penso ser a doutrina do evangelho, e estou contente em saber que essa doutrina está agora se espalhando rapidamente nos países cristãos.⁷⁷⁴

15. Emmanuel Pétavel-Olliff (1836- 1910)

(Pastor suíço e tradutor da Bíblia com mais de 300 publicações acadêmicas)

Sem dúvida, o espírito de Deus dá ao homem sua força vital; mas isso não quer dizer que a criatura faz parte do Criador, e por conta disso possui a imortalidade do próprio Deus. A alma criada teve um princípio; pode, portanto, chegar a um fim; ela chegará a um fim a menos que um propósito expresso do Criador perpetue sua existência.⁷⁷⁵

⁷⁷³ PETTINGELL, John Hancock. *The Life Everlasting: What is it? Whence is it? Whose is it?* New York: J.D. Brown, 1883, p. 737.

⁷⁷⁴ *ibid*, p. 738.

⁷⁷⁵ PÉTAVEL-OLLIFF, Emmanuel. *The Problem of Immortality*. London: Elliot Stock, 1892, p. 53.

É verdade que Cristo ameaça o pecador com a punição eterna. Mas, no que diz respeito à palavra aqui traduzida “eterna”, devemos observar que, quando qualifica um ato, a eternidade nem sempre é o atributo do ato em si, mas aplica-se ao resultado do ato. Assim, na epístola aos Hebreus, diz-se que Jesus obteve “redenção eterna”, eterna em seus resultados, embora o ato de redenção tenha sido realizado em um dia na cruz. Na mesma epístola nós lemos o termo “juízo eterno”, onde evidentemente apenas os efeitos do julgamento devem ser eternos. Na epístola de São Judas, Sodoma e Gomorra são citadas como testemunhas permanentes da vingança divina, que estão sob o “fogo eterno”. As águas do Mar Morto cobrem o local dessas cidades culpadas, mas o fogo que as consumiu foi eterno quanto aos seus efeitos, porque as destruiu para sempre. Da mesma forma, o texto de Mateus consiste em uma destruição gradual, que será irremediável. Este uso do termo não é desconhecido na fraseologia moderna. Encontramo-lo na expressão “um eterno adeus”, significando um último e solene adeus. De maneira semelhante, o castigo mencionado por Cristo será final e supremo.⁷⁷⁶

16. Ethelbert William Bullinger (1837-1913)

(Clérigo anglicano e professor de estudos bíblicos)

É pouco menos do que um crime que alguém selecione certas palavras e enquadre-as numa frase, não só desconsiderando o escopo

⁷⁷⁶ PÉTAVEL-OLLIFF, Emmanuel. *The Extinction of Evil: three theological essays*. Boston: C. H. Woodman, 1889, p. 50-51.

e o contexto, mas ignorando as outras palavras no versículo e cite as palavras “ausente do corpo e presente com o Senhor” com a ideia de dispensar a esperança da ressurreição (que é o assunto do trecho inteiro), como se ela fosse desnecessária; e como se a “presença com o Senhor” fosse alcançável sem ela! (...) É uma fraude literária tratar dessa maneira as palavras que o Espírito Santo ensina.⁷⁷⁷

17. Johan Wilhelm Personne (1849-1926)

(Bispo luterano, doutor em filosofia e autor de mais de 500 artigos teológicos)

Para mim, é inexplicável como uma pessoa que tenha esse conceito “ortodoxo” possa ter algum momento feliz nessa vida. Ele está constantemente em contato com pessoas cujo destino final será [acredita ele] a de serem atormentadas eternamente; e, se ele vive numa grande comunidade, ele ouve quase diariamente os sinos da igreja anunciarem – de acordo com seu conceito “ortodoxo” – que uma alma humana foi lançada em meio ao tormento eterno, sem fim. Para mim, é ainda mais inexplicável que tal pessoa “ortodoxa” possa esperar ter um só momento feliz na eternidade, quando ao mesmo tempo em que ela própria está numa condição abençoada, prossegue o tormento sem fim e a agonia de inumeráveis milhões de condenados. Pode tal pessoa, se ama o seu próximo como a si mesma, ter até mesmo um único momento feliz? Pois, segundo essa doutrina de uma pessoa “ortodoxa”, a morte seria frequentemente a porta para

⁷⁷⁷ BULLINGER, Ethelbert William. *How to enjoy the Bible, or, The "Word", and "the words", how to study them*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1910, p. 223, 226.

a condenação eterna e a agonia sem fim para seu parente mais próximo, seus pais, seus irmãos e irmãs, seu cônjuge e seus filhos. Como pode essa pessoa ter um único momento feliz?⁷⁷⁸

18. Cameron Mann (1851-1932)

(Bispo anglicano, doutor em divindade e doutor em direito)

Mas alguns podem dizer que, de qualquer forma, a Bíblia ensina que o homem é um ser imortal. Não, a Bíblia não faz isso. Nem no AT nem no Novo há uma única afirmação de que os homens são natural e inerentemente imortais. (...) A imortalidade é um dom supradicionado que a natureza do homem é capaz de receber e que Deus concede nos casos em que Ele deseja, e que Ele não o faz no caso de pecadores impenitentes; assim, segue-se naturalmente que em algum momento todos esses infratores deixarão de existir. (...) É isso o que a imortalidade condicional ensina sobre a condenação: ela resulta na destruição total dos condenados. (...) Até onde posso julgar, a doutrina da destruição final dos pecadores impenitentes é sugerida pelo curso da natureza, revelada nas Sagradas Escrituras, e está de acordo com nosso senso moral.⁷⁷⁹

⁷⁷⁸ PERSONNE, Johan Wilhelm. *Til Prästerskapet i Linköpings Stift*. Linköping, 1910, p. 24-25.

⁷⁷⁹ MANN, Cameron. *Five Discourses On Future Punishment*. New York: T. Whittaker, 1888, p. 113-118.

19. Herman Bavink (1854-1921)

(Um dos mais célebres teólogos reformados do século XIX)

Sempre somos influenciados, em maior ou menor grau, pela ideia grega, platônica, de que o corpo morre, mas a alma é imortal. Tal ideia é inteiramente contrária à consciência israelita e em parte alguma se acha no AT. O homem completo morre quando na morte o espírito (Sl 146:4; Ec 12:7), ou a alma (Gn 35:18; 2Sm 1:9; 1Rs 17:21; Jn 4:3), sai do homem. Não somente o seu corpo, mas sua alma também retorna a uma condição de morte e pertence ao mundo invisível; portanto, o AT fala da morte da alma de uma pessoa (Gn 37:21; Nm 13:10; Jz 16:30; Jó 36:14; Sl 78:50).⁷⁸⁰

20. Samuel Henry Hooke (1874-1968)

(Professor de AT na Universidade de Londres e presidente da Society for Old Testament Study)

Uma ressurreição do corpo era a única forma de triunfo sobre a morte que a psicologia hebraica poderia conceber para os que estão realmente mortos. Até S. Paulo recua diante da ideia da existência sem corpo. (...) A doutrina grega da imortalidade, que encontra sua primeira expressão judaica na Sabedoria de Salomão, e que concebe

⁷⁸⁰ BAVINK, Herman. "Death". *The International Standard Bible Encyclopaedia* (org. James Orr). Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960. v. 2, p. 812.

uma imortalidade da alma à parte do corpo, não ocorre no NT nem nos credos.⁷⁸¹

21. Gustaf Emanuel Hildebrand Aulén (1879-1977)

(Bispo luterano e professor de dogmática na Universidade de Lund)

Quando se examina o argumento referente à condenação e aniquilação, é evidente no início que a discussão repousa muitas vezes em postulados estranhos à fé cristã, especialmente a teoria de que a “imortalidade da alma” é algo dado axiomáticamente. Esta linha de pensamento, que emanou de uma matriz filosófica e idealista, contrasta fortemente com o ponto de vista característico da fé cristã. Para a fé cristã, a “vida eterna” não é uma prerrogativa autoevidente do homem, mas é antes uma dádiva que se dá na e com a comunhão do homem com Deus e se realiza na e por meio da ressurreição.⁷⁸²

Paulo não concebe uma existência corporal contínua da mesma natureza que a terrena. Em nenhum dos casos encontramos uma concepção puramente espiritualizada. É evidente que a fé primitiva da ressurreição cristã é de natureza diferente da doutrina filosófica que considera a “alma” imortal em si mesma, e a imortalidade como a libertação da alma da prisão do corpo. Essa distinção entre “alma” e

⁷⁸¹ HOOKE, Samuel Henry. *The Siege Perilous: essays in biblical anthropology and kindred subjects*. London: S.C.M. Press, 1956, p. 201-202.

⁷⁸² AULÉN, Gustaf. *The Faith of the Christian Church*. Philadelphia: The Muhlenberg Press, 1948, p. 154.

“corpo” é absolutamente estranha à fé na ressurreição da igreja primitiva.⁷⁸³

22. Walter Robert Matthews (1881-1973)

(Sacerdote anglicano, capelão do rei Jorge V, professor de teologia no King's College London e reitor do colégio)

O conceito alternativo para a imortalidade inerente da alma é algum tipo de imortalidade condicional ou conferida. Este conceito parece estar mais de acordo com o pressuposto fundamental do teísmo, e provavelmente se adequará melhor com o que nós possamos conceber ser a ordem moral do universo. Mas o contraste normalmente esboçado é aquele entre a imortalidade e a ressurreição do corpo. Esta última doutrina, conforme tem sido frequentemente salientado, é o aspecto característico do ensino cristão do NT.⁷⁸⁴

A ideia de que a punição eterna dos ímpios está implícita de alguma maneira na crença na justiça divina parece-me uma das mais estranhas aberrações da mente humana, e a ideia de Calvino de que o inferno manifesta a glória de Deus, por mostrar Sua justiça, não menos do que o céu, por mostrar Sua misericórdia, é uma das mais horrorosas. Estamos então sendo conduzidos por nossos pressupostos fundamentais como cristãos teístas para a conclusão do universalismo? Devem todas as almas, no final, serem salvas? Muitos

⁷⁸³ *ibid*, p. 220.

⁷⁸⁴ MATTHEWS, Walter Robert. “The Destiny of the Soul”. *The Hibbert Journal*. January, 1930, p. 199.

de nós, sem dúvida, prefeririam errar com Orígenes a estar certo com Agostinho. Mas não creio que um desses extremos ou o outro nos seja imposto pelo conceito que temos de Deus; na verdade nenhum dos dois parece-me estar realmente em harmonia com ele. (...) Devemos, portanto, sustentar a doutrina apostólica de que o salário do pecado é a morte.⁷⁸⁵

23. Oliver Chase Quick (1885-1944)

(Sacerdote anglicano, professor de divindade na Universidade de Oxford e vice-diretor da Leeds Clergy School)

Voltemos ao ensino da Bíblia. Sua característica mais óbvia talvez seja a falta de informações positivas sobre o que acontece com a alma humana quando o corpo morre. De fato, no AT existem muitos trechos que negam categoricamente que a alma humana continue após a morte em qualquer vida que valha a pena ter. E mesmo o NT, por toda a ênfase na gloriosa esperança da ressurreição, não dá qualquer tipo de resposta às perguntas feitas pelos que estão interessados em espiritualismo ou no que é comumente chamado de “pesquisa psíquica”.⁷⁸⁶

A imortalidade do homem é um presente do Deus vivo que vence a morte. Disso a Bíblia nos assegura; mas ela não responde às nossas

⁷⁸⁵ *ibid.*

⁷⁸⁶ QUICK, Oliver Chase. *Doctrines of the Creed: their basis in the Scripture and their meanings today*. New York: Scribner, 1938, p. 264.

perguntas sobre o que acontece com a alma quando o corpo morre. E seria difícil citar qualquer texto fora dos apócrifos que sugira que a alma do homem seja imortal por conta de sua própria natureza criada.⁷⁸⁷

24. John Baillie (1886- 1960)

(Pastor luterano, diretor do New College e reitor da Faculty of Divinity)

Se rejeitarmos a doutrina do mal eterno, então temos de escolher entre as alternativas de sobrevivência condicional e da restauração universal. E esta escolha provavelmente será determinada pelo nosso julgamento de uma única questão. O condicionalista sustenta que a aniquilação completa é o destino natural das almas das quais todo traço da imagem de Deus foi apagado, e pode ser que o condicionalista esteja certo nisto.⁷⁸⁸

25. Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965)

(Um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX)

Inácio chamava a Ceia do Senhor de remédio contra a morte, *ho antidoton tó mé apothanein*. Essa ideia é bastante profunda. Em primeiro lugar, mostra que os Pais Apostólicos não acreditavam na imortalidade da alma. Não existe imortalidade natural. Se existisse,

⁷⁸⁷ *ibid*, p. 266.

⁷⁸⁸ BAILLIE, John. *And the Life Everlasting*. New York: Charles Scribner's Sons, 1934, p. 244-245.

eles não falariam da vida imortal que Cristo oferece. Acreditavam que os seres humanos são naturalmente mortais, como no AT, onde no paraíso as duas criaturas puderam comer do alimento dos deuses, da "árvore da vida", e continuar vivas ao participar desse poder divino. Semelhantemente, os Pais Apostólicos ensinaram que com o advento de Cristo restabelecia-se a situação paradisíaca. Podemos novamente participar no alimento da eternidade, que é o corpo e o sangue de Cristo. Procedendo dessa maneira, edificamos em nós mesmos o equilíbrio em face da necessidade da morte. A morte é salário do pecado apenas na medida em que for separação de Deus. Por causa desse pecado, anula-se o poder de Deus contra a nossa morte, mas com a vinda de Cristo esse poder é restaurado, e passa a agir de modo sacramental e realista por meio dos elementos materiais do sacramento da Ceia do Senhor. À luz dessa doutrina, podemos concluir que nossa conversa tradicional a respeito da imortalidade da alma não é doutrina cristã clássica, mas deformação dessa doutrina, num sentido pseudo-platônico, nada genuíno.⁷⁸⁹

26. Nathaniel Micklem (1888- 1976)

(Ministro congregacionalista, doutor em divindade, presidente da Oxford Union e diretor do Mansfield College)

A imortalidade da alma é uma doutrina grega; ela não é bíblica. Os hebreus e os cristãos falavam sobre a ressurreição. Essa é a linguagem,

⁷⁸⁹ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Aste, 2000, p. 44.

não de sobrevivência, mas de vitória. (...) Pessoas irrefletidas frequentemente supõem que sobreviverão à morte e esperam que, fazendo isso, encontrarão a existência um tanto menos difícil no além-túmulo.⁷⁹⁰

27. Emil Brunner (1889-1966)

(Pós-doutor em teologia, professor da Universidade de Zurique e pastor reformado)

Para a história do pensamento ocidental, o ensino platônico da imortalidade da alma veio a ser de significado especial. Ele penetrou tão profundamente no pensamento do homem ocidental que, ainda que com certas modificações, foi assimilado pela teologia cristã e pelo ensino da Igreja, sendo até mesmo declarado pelo Concílio de Latrão de 1513 como um dogma, e contradizê-lo era uma heresia. (...) Só recentemente, como resultado de um entendimento aprofundado do NT, levantaram-se sérias dúvidas quanto à sua compatibilidade com a concepção cristã da relação entre Deus e o homem.⁷⁹¹

Esta concepção dualista do homem não corresponde à perspectiva cristã. (...) A opinião de que nós homens somos imortais porque nossa alma é de uma essência indestrutível, por ser divina, é, de uma vez por todas, irreconciliável com o conceito bíblico de Deus e do homem.⁷⁹²

⁷⁹⁰ MICKLEM, Nathaniel. *The Doctrine of Our Redemption*. London: Taylor & Francis, 1943, p. 78-79.

⁷⁹¹ BRUNNER, Emil. *Eternal Hope*. Louisville: Westminster Press, 1954, p. 100.

⁷⁹² *ibid*, p. 105.

28. Gerardus van der Leeuw (1890-1950)

(Historiador, filósofo, professor universitário e ministro da Igreja Reformada
Holandesa)

Mesmo o espírito, a alma que eu sou, não existirá. A alma também morrerá. Mas toda a vida do homem será renovada por Deus. Deus me levantará “no último dia”. Muitos pregadores de tempos recentes são bem hesitantes em pregar sobre a imortalidade. Mas, em dias anteriores, quando pregavam sobre a vida eterna, era sem esforço que davam asas a imaginações de um corpo corruptível e uma alma imortal. Os mais antigos livros devocionais e hinários de igreja estão repletos disso. Mesmo agora as pessoas nas casas de luto e nos cemitérios estão sendo consoladas pelas mesmas fontes – ainda assim estas representações não são cristãs sob aspecto algum, e sim puramente gregas e contrárias à essência da fé cristã. Somente Deus é imortal (1Tm 6:16). Ao homem Ele fez a promessa da ressurreição. (...) A criação será mudada para a recriação. E recriação é ressurreição, um levantamento por Deus.⁷⁹³

29. Anders Theodor Samuel Nygren (1890-1978)

(Bispo luterano e professor da Universidade de Lund)

Quando Platão fala da alma, a ideia da imortalidade da alma está sempre presente. A imortalidade é um dom natural da alma, que

⁷⁹³ LEEUW, Gerardus van der Leeuw. *Onsterfelijkheid of Opstanding*. Assen: Van Gorcum & Comp, 1947, p. 30, 32, 36.

sugere sua origem divina. Tudo o que é preciso é que a alma se purifique e se liberte da escravidão aos sentidos, para retornar à sua origem divina. A vida de imortalidade divina é sua condição normal. Esta ideia da imortalidade natural da alma é completamente alheia ao motivo Ágape. Em vez disso, encontramos uma crença na ressurreição dos mortos. No curso da história estas duas – a crença na imortalidade da alma e a crença na ressurreição dos mortos – têm sido constantemente misturadas; embora na verdade elas pertençam a dois mundos religiosos e éticos opostos. Onde quer que a imortalidade natural da alma se torne o dogma religioso fundamental, podemos estar certos de que estamos dentro da esfera de Eros.

Mas onde o motivo Ágape é dominante, ele se expressa regularmente na crença na ressurreição dos mortos. Se a participação na vida eterna de Deus é possível para o homem, a possibilidade não se baseia em qualquer qualidade ou dom natural do homem, mas única e exclusivamente em um ato poderoso de Deus. Assim como é Deus quem torna o pecador justo, é Deus quem faz os mortos viverem. A ressurreição é a assinatura do Ágape divino. Ela não tem nada a ver com o contraste entre a alma e o corpo, como se uma parte do ser do homem fosse de natureza divina e imortal, enquanto a outra fosse impura e perecível. A morte é o julgamento de Deus sobre a vida humana em sua totalidade, e a ressurreição é a renovação da vida humana, da mesma maneira em sua totalidade, através do amor de Deus.⁷⁹⁴

⁷⁹⁴ NYGREN, Anders Theodor Samuel. *Agape and Eros*. New York: Harper & Row, 1953, p. 224-225.

30. John Burnaby (1891-1978)

(Sacerdote anglicano e professor de divindade na Universidade de Cambridge)

A palavra grega para “imortalidade” ocorre apenas uma vez no NT, e não pertence a ninguém a não ser o Rei dos reis. (...) A imortalidade da alma não faz parte do credo cristão, assim como não é parte da antropologia cristã dividir alma e corpo e restringir o verdadeiro homem, a essência da personalidade, à alma supostamente separável para a qual a encarnação é um aprisionamento. (...) Jesus não ensinou doutrina alguma de vida eterna para almas desencarnadas, assim como nenhum judeu leal à fé de seus pais poderia ter aceitado ou mesmo compreendido isso. Mas a crença judaica era na ressurreição dos mortos no último dia.⁷⁹⁵

31. Karl Paul Reinhold Niebuhr (1892-1971)

(Professor universitário, cientista político, filósofo e o maior teólogo americano do século XX)

O conceito de uma mente imortal em um corpo mortal permanece desconhecido até o final. (...) O platonismo de Orígenes destrói completamente o sentido bíblico da unidade do homem. (...) A concepção inteiramente platônica de Gregório [de Nissa] da relação da alma para com o corpo é vividamente expressa em sua metáfora do ouro e da liga. (...) A ideia da ressurreição do corpo é um símbolo

⁷⁹⁵ BURNABY, John. *Christian Words and Christian Meanings*. London: Hodder and Stoughton, 1955, p. 148-149.

bíblico que as mentes modernas tomam como a maior ofensa e que há muito foi substituído na maior parte das versões modernas da fé cristã pela ideia da imortalidade da alma. Esta última é considerada como uma expressão mais plausível da esperança de vida eterna.⁷⁹⁶

A ressurreição não é uma possibilidade humana no sentido que se pensa que a imortalidade da alma é. Todas as evidências plausíveis e implausíveis da imortalidade da alma são esforços por parte da mente humana de dominar e controlar a consumação da vida. Todos tentam provar, de uma maneira ou de outra, que um elemento eterno na natureza humana é merecedor e capaz de sobrevivência além da morte. (...) A esperança cristã da consumação da vida e da história é menos absurda do que as doutrinas alternativas que buscam compreender e efetuar a conclusão da vida por meio de algum poder ou capacidade inerente ao homem e sua história.⁷⁹⁷

32. Basil Ferris Campbell Atkinson (1895-1971)

(Doutor pela Universidade de Cambridge, bibliotecário e comentarista bíblico)

O fôlego da vida não foi soprado no coração do homem, e sim em suas narinas. Ele envolveu vida física. Ao longo da Bíblia o homem, à parte de Cristo, é concebido como feito de pó e cinzas, uma criatura física, a quem o princípio da vida é emprestado por Deus. Os

⁷⁹⁶ NIEBUHR, Karl Paul Reinhold. *The Nature and Destiny of Man*. New York: Charles Scribner's Sons, 1955. v. 1, p. 5, 7, 13, 153.

⁷⁹⁷ *ibid.* v. 2, p. 295, 298.

pensadores gregos tendiam a conceber o homem como uma alma imortal aprisionada num corpo. Esta ênfase é oposta à da Bíblia, mas encontrou um amplo espaço no pensamento cristão.⁷⁹⁸

Um estudo cuidadoso do significado da palavra “alma” na língua original do AT, e também do Novo, como veremos, mostra que ela está sempre associada com um ser humano vivo na terra e que ela morre ou é destruída quando a morte chega para ele da maneira que é tão familiar à nossa experiência.⁷⁹⁹

33. John Olof Cullberg (1896-1983)

(Bispo luterano, doutor em filosofia e doutor em divindade)

A natureza do homem não é responsável pela crença na ressurreição, mas apenas o poder criativo do amor de Deus nos dá a garantia de uma vida após a morte. Não há nada em mim que mereça sobreviver à morte. Em si mesma, a minha alma é tão mortal quanto meu corpo. Mas a vida eterna, a qual Deus pode criar aqui mesmo em meu coração, envolve a promessa de uma existência nova, pessoal, que não conhece a morte e a corrupção, uma vida em comunhão eterna com Deus e com aqueles a quem o Seu amor incomensurável salvou. Assim também ressoa a fé na ressurreição.⁸⁰⁰

⁷⁹⁸ ATKINSON, Basil Ferris Campbell. *The Pocket Commentary of the Bible, Part One: Book of Genesis*. London: Henry E. Walter, 1954, p. 32.

⁷⁹⁹ ATKINSON, Basil Ferris Campbell. *Life and Immortality: an examination of the nature and meaning of life and death as they are revealed in the Scriptures*. Taunton: Goodman & Sons, 1969, p. 12.

⁸⁰⁰ CULLBERG, John Olof. *Dogmernas Insida: hërdabrev till Vasterds stift*. 1940.

34. James Stuart Stewart (1896-1990)

(Ministro presbiteriano e professor de linguística, teologia e literatura na
Universidade de Edimburgo)

Ora, para as mentes gregas, o inteiro conceito de uma ressurreição era estranho, novo e intrigante. A primeira reação natural de um grego diante da nova ideia seria perguntar: “Com que corpo eles vêm?”. A filosofia ensinara aos gregos a crer em uma imortalidade puramente espiritual, sem um corpo de qualquer tipo. Os sábios consideravam o corpo como um túmulo no qual o espírito vivo estava sepultado. σῶμα σῆμα (“o corpo é o túmulo”), eles costumavam dizer. A morte era o escape da alma aprisionada. Mas Paulo não pôde conceber desse modo um reino de espíritos desencarnados. Para ele, a simples ideia teria sido repulsiva: testifica a seriedade de seu desejo de “não ser encontrado nu” após a morte, e sim “revestido de nossa habitação que é do céu”. É claro que o verdadeiro ponto em questão, conforme Paulo viu bem claramente, era a continuação da identidade pessoal. Algum tipo de corpo deveria existir, se a individualidade essencial da alma haveria de sobreviver.⁸⁰¹

⁸⁰¹ STEWART, James Stuart. *A Man in Christ: the vital elements of St. Paul's religion*. New York: Harper & Row, 1935, p. 267.

35. Henry Norman Snaith (1898-1982)

(Ministro metodista, diretor do Wesley College e presidente da Society for Old Testament Study)

O Cristianismo tradicional tem procurado encontrar um meio-termo; combinar Sião e a Grécia no que se defende ser uma síntese harmoniosa. O NT tem sido interpretado de acordo com Platão e Aristóteles, e as ideias distintivas do AT foram deixadas de lado. Aqui está a causa da negligência moderna do AT. A "justiça" de Aristóteles substituiu a "justiça" do AT. O *logos spermatikos* dos estoicos suplantou amplamente o Espírito Santo. A doutrina inteiramente não-bíblica da imortalidade da alma humana é amplamente aceita como uma doutrina cristã típica. Platão é de fato "divino" e Aristóteles "o mestre daqueles que sabem".⁸⁰²

Encontramos apenas dois trechos [no AT] que falam de uma ressurreição à vida além do túmulo, e absolutamente nenhum que fale sobre alguma imortalidade da alma, que não é uma ideia bíblica de maneira alguma. (...) À base disso, é claro que Paulo não usa a palavra *psiquê* no sentido homérico daquilo que sobrevive à morte ou no sentido dos filósofos gregos como alma imortal ou espírito do homem. (...) Não encontramos essa abordagem dos gregos em nenhum lugar da Bíblia. Toda a Bíblia, o NT, bem como o AT, baseia-se na atitude e abordagem hebraicas. Somos da firme opinião de que isso deveria ser mais reconhecido por todos. Está claro para nós, e

⁸⁰² SNAITH, Henry Norman. *The Distinctive Ideas of the Old Testament*. London: Epworth Press, 1944, p. 89.

esperamos ter deixado claro nestas páginas para outros, que existe muitas vezes uma grande diferença entre a teologia cristã e a teologia bíblica. Ao longo dos séculos, a Bíblia foi interpretada num contexto grego, e até mesmo o NT foi interpretado com base em Platão e Aristóteles. Isto pode ser justificável, mas consideramos que aqueles que adotam esse método de interpretação deveriam perceber o que estão fazendo e deveriam deixar de sustentar que estão baseando sua teologia na Bíblia.⁸⁰³

36. Taito Kantonen (1900-1993)

(Doutor pela Universidade de Helsinki e professor de teologia sistemática)

A noção cristã da morte está em pleno acordo com o ponto de vista da ciência natural em toda sua extensão. O homem não difere do resto da criação por ter uma alma que não pode morrer.⁸⁰⁴

Uma vez que o neoplatonismo era a filosofia espiritual prevalecente durante o período de formação da teologia cristã, não surpreende que muitos dos Pais tenham identificado a doutrina cristã da vida eterna com a imortalidade platônica. Através dos séculos, esta crença não-bíblica continuou a permear o pensamento cristão. (...) O homem não tem uma parte mortal, o corpo, e uma parte imortal, a alma. Ele é uma unidade indivisível, um corpo animado pela alma. Como tal, se

⁸⁰³ *ibid*, p. 183-185.

⁸⁰⁴ KANTONEN, Taito. *Life After Death*. Philadelphia: Fortress Press, 1952, p. 18.

encarado sob o aspecto do corpo ou o da alma, ele existe apenas por sua relação com Deus.⁸⁰⁵

37. Nils Fredrik Bolander (1902-1959)

(Bispo luterano e reitor da Universidade de Lund)

Às vezes encontramos uma religiosidade vaga que fala da morte como redenção e libertação. Na libertação por meio da morte, dizem eles, o homem vai para casa, para Deus. Mas isto não é verdade. Em todo o caso, a Bíblia não ensina isso. Ela afirma clara e definitivamente que não é a morte, e sim o dia de Jesus Cristo que vem com a ressurreição dos mortos e a redenção.⁸⁰⁶

38. Gerrit Cornelis Berkouwer (1903- 1996)

(Doutor em teologia, membro da Academia Real Holandesa de Artes e Ciências e principal teólogo da Igreja Reformada Holandesa)

Parece claro, portanto, que as Escrituras jamais retratam o homem como um ser dualista ou pluralista. (...) O pensamento de Paulo está muito distante de um dualismo gnóstico, no qual a alma está aprisionada no corpo e anseia por sua fuga.⁸⁰⁷

⁸⁰⁵ *ibid*, p. 14-15.

⁸⁰⁶ BOLANDER, Nils Fredrik. *Ingen Död Kan Döda Oss*. Estocolmo, 1952.

⁸⁰⁷ BERKOUWER, Gerrit Cornelis. *Studies In Dogmatics. Man: the image of God*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 203, 205.

Berkouwer tem um longo capítulo sobre o significado da alma chamado "O Homem Inteiro". Aqui, ele denuncia a teoria de uma "dicotomia substancial" entre uma alma imortal e um corpo mortal. Berkouwer argumenta corretamente que a alma não é uma "parte" do homem não sujeita à morte, mas que o homem inteiro está sujeito ao julgamento de Deus e à redenção possibilitada pelo homem inteiro, Jesus Cristo. Este conceito, que parece completamente bíblico, exige que se repense completamente não só o catolicismo tradicional, como também grande parte do protestantismo.⁸⁰⁸

G. C. Berkouwer escreve que o conceito bíblico é sempre holístico, que na Bíblia nunca se atribui à alma qualquer significado religioso especial.⁸⁰⁹

39. Alan Richardson (1905-1975)

(Sacerdote anglicano, professor de teologia da Universidade de Nottingham e deão de York)

Os escritores da Bíblia, apegando-se à convicção de que a ordem criada deve a sua existência à sabedoria e ao amor de Deus e é, portanto, essencialmente boa, não poderiam conceber a vida após a morte como uma existência desencarnada ("não seremos encontrados nus", 2Co 5:3), e sim como uma renovação sob as

⁸⁰⁸ MOODY, Dale. *The Word of Truth: a summary of christian doctrine based on biblical revelation*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1981, p. 182.

⁸⁰⁹ MCMINN, Mark R; PHILLIPS, Timothy R. *Care for the Soul: exploring the intersection of psychology & theology*. Westmont: IVP Academic, 2001, p. 107.

condições da íntima unidade de corpo e alma, que era a vida humana como eles a conheciam. Assim, a morte era encarada como a morte do homem inteiro.⁸¹⁰

Ao contrário dos gregos, os judeus não pensavam num homem como sendo constituído de corpo e alma; um homem era um corpo vivo. Se Cristo tinha ressuscitado dentre os mortos, ele fora ressuscitado no corpo. Assim, Paulo não podia conceber aqueles que ressuscitaram em Cristo como existindo em um estado desencarnado. (...) O conceito de uma pessoa desencarnada é repugnante para a mente hebraica.⁸¹¹

40. Herman Ridderbos (1909- 2007)

(Pastor reformado, doutor em teologia e professor de NT)

Em Paulo, *psiquê* não é – segundo o modo greco-helenista – o homem imortal, distinto do *soma* e nem denota o espiritual como sendo distinto do material. (...) *Psiquê* e *físico* significam nesse caso claramente a vida natural e terrena, que não tem subsistência em si, mas encontra-se sujeita à morte e à destruição. (...) Aqui, mais uma vez, não há nenhum traço do espírito como um princípio divino supra-sensual inerente ao homem. (...) Não é dito em parte alguma da alma, nesse contexto, como o sujeito de uma existência contínua depois da

⁸¹⁰ RICHARDSON, Alan. *A Theological Word Book of the Bible*. New York: The MacMillan Company, 1951, p. 111.

⁸¹¹ RICHARDSON, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament*. London: SCM Press, 1958, p. 197.

morte, por mais frequentemente que 2Co 5 e Fp 1 tenham sido interpretados dessa forma.⁸¹²

41. Frederick Fyvie Bruce (1910-1990)

(Professor de grego, crítica textual e exegese, e chefe do Departamento de História e Literatura Bíblica da Universidade de Sheffield)

A Palavra de Deus não diz que na morte você entra em um domínio de consciência contínua, para aguardar conscientemente outro corpo no qual você finalmente será reencarnado. Em vez disso, a Bíblia ensina que, pouco depois da morte, você e eu e todos os demais estamos destinados a entrar no túmulo. As Escrituras não dizem que o corpo do homem vai para um lugar e que sua alegada “alma imortal” ou “espírito” conscientes vão para outro lugar na morte. Em vez disso, uma vez que o fôlego da vida expira completamente de uma pessoa que morre, todos os processos mentais cessam completamente e essa pessoa começa a retornar ao pó da terra.⁸¹³

Paulo evidentemente não poderia contemplar a imortalidade à parte da ressurreição; para ele um corpo de algum tipo era essencial para a personalidade. Nosso pensamento tradicional sobre a “alma imortal”, que deve tanto à nossa herança greco-romana, torna difícil que apreciemos o conceito de Paulo. Exceto quando se atribui a

⁸¹² RIDDERBOS, Herman. *Paulus, A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 128, 568.

⁸¹³ WISBROCK, George. *Death and the Soul After Life*. Oakbrook: ZOE-Life Books, 1990 (Prefácio de F. F. Bruce).

imortalidade ao próprio Deus no NT, é sempre ao corpo ressuscitado que ela é atribuída, nunca à alma. (...) Para outros, incluindo vários de seus convertidos em Corinto, o desengate do grilhão do corpo era uma consumação a ser devotadamente almejada; mas se Paulo desejava ser libertado da mortalidade desta atual "morada" terrena, era visando a trocá-la por uma que era imortal; estar sem um corpo de algum tipo seria uma forma de nudez ou isolamento espiritual diante do qual a mente dele recuou.⁸¹⁴

O aniquilacionismo é certamente uma interpretação aceitável das passagens relevantes do NT. (...) Tormento consciente e eterno é incompatível com o caráter revelado de Deus.⁸¹⁵

42. George Eldon Ladd (1911-1982)

(Pastor batista, doutor pela Universidade de Harvard e professor de exegese, NT e grego)

Como um lago de fogo literal pode acarretar tortura eterna a seres não-físicos é impossível imaginar. É óbvio que se trata de linguagem pitoresca descrevendo um fato real no mundo espiritual: a destruição final e perpétua das forças do mal que têm prejudicado o homem desde o jardim do Éden.⁸¹⁶

⁸¹⁴ BRUCE, Frederick Fyvie. *Paul, Apostle of the Heart Set Free*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1977, p. 311.

⁸¹⁵ DUDLEY-SMITH, Timothy. *John Stott: A Global Ministry: A Biography of the Later Years*. Westmont: InterVarsity Press, 2001, p. 354.

⁸¹⁶ LADD, George Eldon. *A Commentary on the Revelation of John*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979, p. 270.

43. Carroll Eugene Simcox (1912- 2002)

(Sacerdote episcopal, doutor em filosofia e editor da revista *The Living Church*)

Esta doutrina da imortalidade não é distintamente cristã. A maioria dos cristãos acredita nisso, mas não nos fundamentos bíblicos e cristãos. A Bíblia não ensina isso. A Bíblia não conhece tal distinção nítida e desmembramento radical entre alma e corpo. Esta doutrina, em sua forma familiar, chegou até nós, não do povo de Israel e dos primeiros cristãos, e sim dos filósofos da Grécia. (...) Uma diferença importante entre ela [a ressurreição] e a doutrina da imortalidade é esta: a doutrina da ressurreição encara o homem como um todo. Ela não divide o homem em duas ou mais partes. Isso [a divisão em partes] permite-nos chamar algo no homem de “alma”, algo mais no homem de “mente”, algo mais de “corpo”; mas a Bíblia nunca teoriza sobre isso. Se o homem vive, o homem inteiro vive; se o homem morre, o homem inteiro morre; se o homem sofre, o homem inteiro sofre – alma, mente, corpo, tudo dele. Quaisquer que sejam os elementos que compõem uma vida humana, sua união – e não sua diversidade – é o fato importante sobre eles. O homem é um ser único na vida e na morte.⁸¹⁷

⁸¹⁷ SIMCOX, Carroll Eugene. *The Resurrection of the Body and the Life Everlasting*. New York: Forward Movement Publications, 1955, p. 5-6.

44. Robert Paul Ramsey (1913-1988)

(Doutor pela Universidade de Yale e professor da Universidade de Princeton)

A terceira imagem de Deus, a imortalidade, o homem não possui nem por criação nem por aquisição. O homem não é inerentemente imortal, como ele é agora inerentemente racional e como ele seria completamente feliz enquanto permanecesse obediente. A imortalidade vem como uma dádiva escatológica, sempre mais uma possessão de Deus do que do homem, mesmo quando isso é dado a ele.⁸¹⁸

45. John William Wenham (1913-1996)

(Teólogo e ministro anglicano, notável estudioso do grego bíblico)

Eu acredito que o tormento eterno é uma doutrina horrível e antibíblica, que tem sido um fardo para a mente da Igreja durante muitos séculos e uma mancha terrível em sua apresentação do evangelho. E eu serei realmente feliz se, antes de morrer, puder ajudar a varrê-lo para fora.⁸¹⁹

Há, assim, uma grande carga de material que *prima facie* [à primeira vista] sugere a destruição como o fim definitivo dos condenados. O conceito tradicional obtém a maior parte de sua plausibilidade de

⁸¹⁸ RAMSEY, Robert Paul. *Basic Christian Ethics*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1950, p. 263.

⁸¹⁹ WENHAM, John William. *Facing Hell: The Story of a Nobody, An Autobiography*. Carlisle: Paternoster Press, 1998.

uma crença de que o ensino de nosso Senhor sobre o Geena tem de ser atrelado a uma crença na imortalidade da alma. Um fogo ardente destruirá qualquer criatura viva, a menos que essa criatura seja imortal. Se o homem é feito imortal, toda a nossa exegese deve mudar. Mas será que ele é? De Gênesis 3 em diante, o homem parece ser realmente mortal; é-nos dito claramente que só Deus tem a imortalidade (1Tm 6:16); a imortalidade é algo que os que fazem o bem buscam (Rm 2:7); a imortalidade para o crente foi trazida à luz pelo evangelho (2Tm 1:10) – ele ganha a imortalidade (ao que parece) quando ganha a vida eterna e se torna participante da natureza divina; a imortalidade é finalmente vestida na última trombeta (1Co 15:53). Mas não – dizem os tradicionalistas –, Deus ao fazer o homem o fez imortal, para que ele viva, não só além da morte, mas também além da segunda morte, para todo o sempre. Os fogos do inferno continuarão a infligir dor em pessoas que não podem ser consumidas.⁸²⁰

46. Philip Edgcumbe Hughes (1915-1990)

(Clérigo anglicano, doutor em teologia e erudito do NT)

Afirmar que só a alma humana é inatamente imortal é manter uma posição que não é aprovada em parte alguma no ensino das Escrituras. (...) A advertência de Deus no princípio, a respeito da árvore proibida, “no dia em que dela comerás, morrerás”, foi dirigida ao

⁸²⁰ ibid, p. 229.

homem como uma criatura corporal e espiritual – se comesse dela, como tal ele morreria. Não há qualquer sugestão de que uma parte dele era imortal e, portanto, que sua morte só seria em parte. Concordemente, a imortalidade com a qual o cristão é assegurado, não é inerente nele mesmo ou em sua alma, mas é concedida por Deus e é a imortalidade da pessoa inteira na plenitude de sua humanidade, tanto corporal quanto espiritual.⁸²¹

A existência eterna lado a lado no céu e no inferno parece ser incompatível com o propósito e o efeito da redenção alcançada pela vinda de Cristo. A renovação da criação exige a eliminação do pecado, do sofrimento e da morte. (...) Se Cristo será tudo em todos, como é concebível que possa haver uma seção ou domínio da criação que não pertença à Sua plenitude e contradiz Sua própria presença? (...) A concepção da eternidade do sofrimento do tormento e da permanência de “vida” no inferno está em contradição com o ensino bíblico. (...) Somente Deus é inerentemente imortal, e os seres humanos, por contraste, foram criados apenas potencialmente imortais.⁸²²

⁸²¹ HUGHES, Philip Edgcumbe. *The True Image: the origin and destiny of man in Christ*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 400.

⁸²² *ibid*, p. 406-407.

47. Antônio Houaiss (1915-1999)

(Filólogo, crítico literário, tradutor, diplomata, enciclopedista e intelectual brasileiro)

O pensamento bíblico não oferece nenhuma base para uma concepção tricotômica ou dicotômica do homem. Na Bíblia, a alma não corresponde a uma parte do ser humano, mas ao homem em sua manifestação de ser vivo. (...) No esforço de redescobrir o verdadeiro e original sentido do vocabulário bíblico, principalmente a partir da extraordinária obra de Kittel, os exegetas e teólogos modernos têm sublinhado que, nas Escrituras, tanto do Antigo como do NT, o homem é concebido como uma unidade.⁸²³

48. George Bradford Caird (1917-1984)

(Ministro congregacional, professor de exegese e erudito bíblico com três doutorados honorários)

Eles prefeririam acreditar que, na morte, a alma deixa o corpo para trás como uma roupa velha e fica desimpedida para o céu. Ora, há muito apoio para essa crença na filosofia grega, mas nenhum na Bíblia. Os gregos acreditavam que o corpo é a raiz de todo mal – uma prisão na qual a alma está encarcerada até a sua libertação na morte. Mas os hebreus acreditavam que o corpo é bom, já que Deus o criou. Uma crença na imortalidade da alma significaria que apenas parte da

⁸²³ HOUAISS, Antônio. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1993. v. 2, p. 404.

personalidade humana sobreviveu à morte. Ao ensinar a ressurreição do corpo, a Bíblia está afirmando que a personalidade inteira sobrevive.⁸²⁴

49. John Arthur Thomas Robinson (1919-1983)

(Bispo anglicano e professor da Universidade de Cambridge)

Existe ainda um grande ponto de diferença entre a doutrina da imortalidade e a da ressurreição, que requer um tratamento mais extenso. Assim como no caso da primeira, o homem inteiro morre, e não apenas a parte material dele; da mesma forma, o homem inteiro será ressuscitado, e não apenas o “espiritual” nele. A Bíblia opõe a imortalidade da alma com a ressurreição do corpo.⁸²⁵

Não há qualquer sugestão de que a alma seja a personalidade essencial, ou que a alma (*nephesh*) é imortal, enquanto a carne (*basar*) é mortal. A alma não sobrevive a um homem, ela simplesmente desaparece, escoando-se com o sangue.⁸²⁶

⁸²⁴ CAIRD, George Bradford. *The Truth of the Gospel: a primer of Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 1950, p. 122.

⁸²⁵ ROBINSON, John Arthur Thomas. *In the End, God: a study of the Christian Doctrine of the last things*. Cambridge: James Clarke & Co. Ltd., 1950, p. 74-75.

⁸²⁶ ROBINSON, John Arthur Thomas. *The Body: a study in pauline theology*. London: SCM, 1957, p. 14.

50. Claude Tresmontant (1925-1997)

(Professor de filosofia na Sorbonne e membro da Academia de Ciências Morais e Políticas)

Devemos ter o cuidado de evitar interpretar o conceito hebraico de alma nos termos do dualismo platônico. Visto que não reconheciam qualquer dicotomia corpo-alma, os hebreus não consideravam a alma como a coisa desencarnada que nós imaginamos ser. E é só porque nós a opomos ao "corpo" que pensamos nela deste modo. Em hebraico, a alma é o homem. De fato, não devemos dizer que o homem tem uma alma, e sim que ele é uma alma; nem, conseqüentemente, que ele tem um corpo, e sim que ele é um corpo.⁸²⁷

51. Edward Earle Ellis (1926-2010)

(Teólogo batista, doutor pela Universidade de Edimburgo e fundador do Institute for Biblical Research)

O ensino do NT sobre o castigo daqueles que estão fora de Cristo repousa e surge do ensino do AT sobre a natureza do homem e a natureza da morte. As Escrituras, tanto do Antigo como do NT, representam a personalidade individual como um monismo complexo e totalmente mortal, uma unidade que pode ser vista de diferentes perspectivas, mas que não pode ser dividida em partes

⁸²⁷ TRESMONTANT, Claude. *Essai sur la Pensée Hébraïque*. Paris: O.E.I.L., 1953.

existentes separadamente. A visão bíblica é compatível com uma distinção exterior/interior ou mesmo uma distinção matéria/pensamento ou matéria/vontade, desde que ambos os aspectos sejam reconhecidos como mortais e como parte da atual criação caída e, portanto, sujeitos ao processo de morte natural. Mas é incompatível com um dualismo antropológico em que uma parte, ou seja, a alma ou espírito, é considerada como tendo imortalidade dos processos da presente ordem natural e, portanto, isenta da morte, ou seja, da cessação da existência. Esse tipo de dualismo partiu de uma compreensão bíblica para uma concepção enraizada na filosofia platônica, uma leitura do NT com vidros esmerilados em Atenas, resultando em uma reconceituação e redefinição de todos os termos e conceitos do NT usados para a punição do injusto. Assim, exclui *a priori* o significado (no sentido ativo) da extinção do ser, ou seja, aniquilação, ou (no sentido reflexivo ou passivo) da cessação do ser.⁸²⁸

52. Shirley C. Guthrie Jr. (1927- 2004)

(Ministro presbiteriano, doutor pela Universidade de Basel e professor do Seminário Teológico de Columbia por 40 anos)

Referimo-nos à crença na imortalidade da alma. Esta doutrina não foi ensinada pelos próprios escritores bíblicos, mas ela era comum na religião grega e nas religiões orientais do mundo antigo em que a Igreja cristã nasceu. Alguns dos primeiros teólogos cristãos foram

⁸²⁸ ELLIS, Edward Earle. *Rethinking Hell: readings in evangelical conditionalism*. Eugene: Cascade Books, 2014, p. 128.

influenciados por ela, leram a Bíblia à luz dela e introduziram-na no pensamento da Igreja. Ela está conosco desde então. Calvino a aceitou, e o mesmo fez a confissão clássica das igrejas reformadas.⁸²⁹

Se seguirmos a Reforma Protestante buscando fundar nossa fé “nas Escrituras apenas”, devemos rejeitar esta esperança tradicional para o futuro baseada na crença na imortalidade da alma (ainda que os reformadores não tenham seguido sua própria recomendação neste ponto). Há várias razões pelas quais isto é inaceitável do ponto de vista bíblico. Os cristãos crentes na Bíblia devem rejeitar a doutrina da imortalidade da alma porque ela se baseia num entendimento não-bíblico do que é a alma. (...) Esta explicação [da Confissão de Westminster] pode ser criticada por várias razões: (1) sua separação do corpo e da alma, ainda que temporariamente, é antibíblica; (2) o julgamento final parece supérfluo se imediatamente após sua morte já foi determinado o lugar permanente das almas dos justos e dos ímpios. Para que fazer tudo de novo?⁸³⁰

53. David Lawrence Edwards (1929-2018)

(Sacerdote anglicano, doutor em divindade e reitor da Universidade de Cambridge)

O terceiro argumento a favor do conceito de aniquilação diz respeito à visão bíblica da justiça. Fundamental para isso é a crença de que

⁸²⁹ GUTHRIE JR, Shirley C. *Christian Doctrine*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994, p. 378.

⁸³⁰ *ibid*, p. 381-394.

Deus julgará as pessoas “de acordo com o que elas [têm] feito” (por exemplo, Ap 20:12), o que implica que a pena infligida seja proporcional ao mal feito. Este princípio foi aplicado nos tribunais da lei judaica, em que as penas se limitavam a uma retribuição exata, “vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (por exemplo, Êx 21:23-25). Não haveria, então, uma séria desproporção entre os pecados cometidos conscientemente no tempo e o tormento experimentado conscientemente por toda a eternidade?⁸³¹

54. Russell Philip Shedd (1929-2016)

(Teólogo batista, missionário e doutor em NT)

A Igreja Católica inventou o que a Bíblia nada diz sobre esse período [intermediário]: atividades, boas obras, intercessão e coisas dessa natureza. A Bíblia simplesmente usa essa palavra: “dormir” em Cristo. Mas “dormir”, como vocês sabem muito bem, não somente significa falta de consciente atividade, mas falta de consciência do passar do tempo.⁸³²

⁸³¹ STOTT, John; EDWARDS, David L. *Essentials: a liberal-evangelical dialogue*. London: Hodder & Stoughton, 1988, p. 318.

⁸³² SHEDD, Russell Philip. *MCB - 1ª de 7 - Fim dos Tempos - Ressurreição - Congresso 2011*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXQH_E_t4dA> (min 36-37). Acesso em: 29/01/2022.

55. Ian Howard Marshall (1934-2015)

(Teólogo metodista presidente da Sociedade Britânica do NT e da Sociedade de Teólogos Evangélicos Europeus)

Eu estaria mais inclinado a argumentar que isso não significa punição eterna e consciente, mas sim destruição final e irreversível, do que quando listei essas possibilidades [no comentário de 1983].⁸³³

56. Gordon Fee (1934-atual)

(Ministro assembleiano, estudioso do NT e Ph.D. pela University of Southern California)

Deus nos fez pessoas inteiras: e em Cristo ele nos redimiou totalmente. De acordo com a visão cristã, não há dicotomia entre corpo e espírito que ou se entrega ao corpo porque é irrelevante ou o pune para purificar o espírito. Essa visão pagã da existência física se infiltra na teologia cristã de várias maneiras sutis, incluindo a propensão por parte de alguns de “salvar almas” enquanto se importam pouco com as necessidades materiais das pessoas. Não a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo é o credo cristão, baseado na revelação do NT.⁸³⁴

⁸³³ MARSHALL, Ian Howard. *1 e 2 Tessalonicenses, Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

⁸³⁴ FEE, Gordon. *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 87.

57. Gnana Robinson (1935-2018)

(Doutor pela Universidade de Hamburgo e notável estudioso do AT)

Deus criou o homem como um ser unitário; não há nele uma dicotomia de corpo e alma ou uma tricotomia de corpo, alma e espírito. Ele não é uma alma encarnada, e sim um corpo ou carne animada. Os termos antropológicos utilizados tanto no Antigo quanto no NT apresentam os diferentes aspectos do homem. (...) Não é que o homem tenha uma alma, mas o próprio homem é uma alma. Ela representa o homem inteiro como um ser vivo; em vários lugares significa vida. (...) A ideia de que a carne se opõe ao espírito e é a causa do pecado é alheia ao AT. (...) O homem é um ser psicofísico e as funções psíquicas estão ligadas tão intimamente à sua natureza física que são todas situadas nos órgãos corporais os quais atraem eles próprios a vida da força vital que os anima. Esta natureza unitária do homem é preservada no NT também. (...) A existência da alma sem carne ou corpo é impossível.⁸³⁵

58. Clark Harold Pinnock (1937-2010)

(Professor de teologia sistemática do McMaster Divinity College e Ph.D. pela Universidade de Manchester)

A Bíblia não ensina a imortalidade natural da alma; ela aponta para a ressurreição do corpo como a dádiva de Deus para os crentes. Só Deus

⁸³⁵ ROBINSON, Gnana. "The Biblical View of Man". *Indian Journal of Theology*. n. 27.3-4, jul-dez. 1978, p. 140-142.

tem imortalidade (1Tm 6:16), mas graciosamente concede a vida corporificada ao seu povo (1Co 15:21, 50-54; 2Tm 1:10). Deus nos dá vida e Deus a tira. Não há nada na natureza da alma humana que requeira que ela viva para sempre. A Bíblia ensina o condicionalismo: Deus criou os humanos mortais com uma capacidade para a vida eterna, mas ela não é possessão inerente deles. A imortalidade é uma dádiva que Deus nos oferece no evangelho, não uma possessão inalienável. A alma não é uma substância imortal que deve ser colocada em algum lugar se ela rejeitar a Deus. Se uma pessoa por fim rejeita Deus, não há nada na antropologia bíblica que contradiga o que Jesus claramente ensinou – Deus destruirá os ímpios, corpo e alma, no inferno. Uma vez que isso seja entendido, uma pessoa é livre para ler o que a Bíblia diz sobre o inferno de forma natural e direta.⁸³⁶

59. John Goldingay (1942-atual)

(Clérigo anglicano, doutor em teologia e em filosofia, tradutor da Bíblia e professor de AT)

A vida de um ser humano veio diretamente de Deus, e é também evidente que quando alguém morre, o fôlego (*ruach*, por exemplo, Sl 104:29) ou a vida (*nephesh*, por exemplo, Gn 35:18) desaparece e retorna ao Deus que é *ruach*. E ao passo que os vivos podem esperar que a ausência de Deus pode dar lugar novamente à presença de Deus, os mortos estão cortados para sempre da presença de Deus. A

⁸³⁶ PINNOCK, Clark H. "The Conditional View". In: *Four Views on Hell*. (ed. W. Crockett). Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 148.

morte significa o fim da comunhão com Deus e da comunhão com outras pessoas. Ela significa um fim da atividade de Deus e da atividade de outras pessoas. Ainda mais óbvio, ela significa o fim de minha própria atividade. Significa o fim da consciência.⁸³⁷

“Quem pode dizer se o fôlego do homem sobe às alturas e se o fôlego do animal desce para a terra?” (Ec 3:21). Nos dias de *Qohelet* [o autor do Eclesiastes], talvez houve pessoas que especularam que os seres humanos desfrutariam de uma vida melhor após a morte, o que não seria o caso dos animais. *Qohelet* assinala que não há qualquer evidência disso.⁸³⁸

60. Edward William Fudge (1944-2017)

(Doutor em direito, mestre em línguas bíblicas e autor de um livro de 500 páginas sobre o inferno)

O AT se silencia sobre o destino final dos ímpios? Na verdade, não. Afirma esmagadoramente sua destruição total. Nunca afirma ou mesmo sugere algo que se assemelhe a um tormento consciente e sem fim. O AT usa cerca de 50 verbos hebraicos diferentes para descrever esse destino e cerca de 70 figuras de linguagem. Sem exceção, retratam destruição, extinção ou extermínio. Nenhum dos

⁸³⁷ GOLDINGAY, John. *Old Testament Theology: Israel's Faith*. Westmont: IVP Academic, 2006. v. 2, p. 640.

⁸³⁸ *ibid*, p. 644.

verbos ou imagens de palavras sugere remotamente a doutrina tradicional.⁸³⁹

61. Stephen H. Travis (1944-atual)

(Ph.D. pela Universidade de Cambridge, vice-diretor do St. John's College e professor de NT)

No entanto, devemos dizer algo sobre o debate entre “castigo eterno” e “imortalidade condicional”. Se pressionado, devo optar por este último. (...) Imagens bíblicas como “fogo” e “destruição” sugerem aniquilação em vez de uma existência consciente contínua. As referências do NT à “punição eterna” (Mt 25:46; cf. 2Ts 1:9; Hb 6:2) não significam automaticamente o que tradicionalmente se supõe que signifiquem. “Eterno” pode significar a permanência do resultado do julgamento em vez da continuação do ato da punição em si. Assim, “punição eterna” significa um ato de julgamento em que os resultados não podem ser revertidos, em vez da experiência de ser punido para sempre.⁸⁴⁰

O tormento eterno envolve um dualismo cosmológico eterno, que é impossível de conciliar com a convicção de que, em última análise, Deus será “tudo em todos”.⁸⁴¹

⁸³⁹ FUDGE, Edward William. *The Fire That Consumes: a biblical and historical study of final punishment*. Houston: Providential Press, 1982.

⁸⁴⁰ TRAVIS, Stephen H. “The Nature of Final Destiny”. In: *Rethinking Hell: readings in evangelical conditionalism* (ed. Christopher M. Date). Eugene: Cascade Books, 2014.

⁸⁴¹ TRAVIS, Stephen H. *Christian Hope and the Future of Man: issues in contemporary theology*. Westmont: InterVarsity Press, 1980, p. 135.

Como, perguntamos, pode a ideia de eternidade de castigo ser reconciliada com o amor de Deus revelado em Cristo? Como as pessoas podem ser felizes no céu se souberem que outras estão presas no inferno?⁸⁴²

62. David G. Benner (1947-atual)

(Doutor em psicologia e editor de uma enciclopédia de referência para pastores e clérigos)

A erudição moderna tem ressaltado o fato de que os conceitos hebraico e grego de alma não eram sinônimos. Embora a visão de mundo hebraica distinguisse a alma do corpo (como base material da vida), não havia qualquer questão sobre duas entidades separadas, independentes. Uma pessoa não tinha um corpo, mas era um corpo animado, uma unidade de vida que se manifestava em forma carnal – um organismo psicofísico. Embora os conceitos gregos da alma variassem amplamente, de acordo com a era específica e a escola filosófica, o pensamento grego frequentemente apresentava um conceito da alma como uma entidade separada do corpo. Até décadas recentes, a teologia cristã da alma tem refletido mais o pensamento grego (compartimentalizado) do que as ideias hebraicas (unificadoras).⁸⁴³

⁸⁴² TRAVIS, Stephen H. *The Problem of Judgment*. Disponível em: <https://theologicalstudies.org.uk/pdf/judgment_travis.pdf>. Acesso em: 08/02/2022.

⁸⁴³ BENNER, David G; HILL, Peter C. *Baker Encyclopedia of Psychology and Counseling*. 2ª ed. Michigan: Baker Academic, 1999, p. 1148.

63. David Frank Ford (1948-atual)

(Teólogo anglicano, doutor em teologia pela Universidade de Cambridge e professor de divindade na mesma universidade)

Embora a ideia de uma alma imortal seja uma crença estabelecida para a maioria dos cristãos, ela não pode ser apoiada por textos bíblicos. (...) Não existe alma imortal alguma que permaneça auto-identicamente permanente ao longo do tempo. (...) Se as pessoas são constituídas pelo não-eu, a questão permanece: o que continua depois da morte? Em contraste com a doutrina budista da reencarnação, a resposta bíblica é a doutrina da ressurreição. Ressurreição não significa a sobrevivência de uma alma imortal ou um cadáver reconstituído. Pois se a doutrina do não-eu corresponde à realidade, a transitoriedade e a mortalidade são fatos cósmicos e a morte é o fim da existência. Não pode haver sobrevivência após a morte a menos que, e somente se, Deus recree um novo ser.⁸⁴⁴

64. Ben Witherington III (1951-atual)

(Pastor metodista, doutor em divindade e proeminente estudioso evangélico com mais de 30 livros sobre o Jesus histórico)

É preciso lembrar que a noção grega da imortalidade inerente da alma era aparentemente apenas acreditada pelos mais helenizados judeus da diáspora, e Jesus não se qualifica como tal pessoa, como este

⁸⁴⁴ FORD, David F. *The Modern Theologians: an introduction to Christian theology since 1918*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 693.

mesmo verso [Mt 10:28] prova. Jesus pensa que todo o seu ser pode ser destruído. (...) Em vista da construção paralela parece certo que Jesus está se referindo a alguém que pode matar, pôr um fim, destruir o espírito humano, não meramente o corpo, e o lugar dessa destruição é a Geena. (...) Esses verbos neste versículo se referem a um fim de algo, é término, não é continuação. Embora seja certamente possível ler este texto de outra maneira, parece-me que este texto definitivamente favorece a visão aniquilacionista do que acontece com uma pessoa no Geena.⁸⁴⁵

Meu bom colega Lawson Stone e eu tivemos uma boa conversa sobre aniquilacionismo esta semana, e uma de suas objeções foi que a visão aniquilacionista parece implicar extinção instantânea (niilismo) e, portanto, não é realmente um sofrimento pelos pecados que alguém cometeu nesta vida. Eu discordei. Em nenhum dos textos do NT que podem ser ditos a favor do aniquilacionismo nos é dito que o término de alguém é instantâneo e não envolve um período considerável de sofrimento. (...) A questão é que o sofrimento não dura para sempre, porque eventualmente a pessoa é queimada ou destruída, ou seu espírito é morto – use a linguagem que você quiser. E aqui é onde pode ser bom fazer uma boa pergunta: por que mesmo um Deus santo, o Deus da Bíblia, exigiria sofrimento infinito por um número finito de pecados terrenos?⁸⁴⁶

⁸⁴⁵ WITHERINGTON, Ben. *Matthew 10.28 – Why Annihilationism is not Universalism*. Disponível em: <<https://www.patheos.com/blogs/bibleandculture/2011/03/18/mt-10-28-why-annihilationism-is-not-universalism>>. Acesso em: 07/02/2022.

⁸⁴⁶ *ibid.*

65. John H. Walton (1952-atual)

(Ph.D. em estudos hebraicos, professor de AT e tradutor bíblico)

Paulo não conhece algo semelhante à ideia da imortalidade da alma, apesar de que o pensamento era comum no mundo grego, no qual Paulo fundou as suas comunidades. Esse pensamento encontrou ingresso no Cristianismo somente numa época posterior. Para Paulo, no entanto, a ideia de uma parte imortal no homem é até contrária à sua teologia, pois assim como não existe predisposição intra-humana para a justificação, assim também não existe para a imortalidade. Também a imortalidade é algo que Deus deve conceder por Sua graça (cf. 1Co 15:53 em diante), o homem não a possui por natureza. Isso faz com que a morte seja entendida por Paulo como morte total, não parcial, e, se há esperança, então é unicamente porque o Deus Criador entra novamente em ação. Ressurreição é nova criação, é recriação.⁸⁴⁷

66. Alister McGrath (1953-atual)

(Doutor em teologia pela Universidade de Oxford, pós-doutor em biofísica molecular e um dos maiores pensadores cristãos da atualidade)

A neurociência moderna não tem lugar para a ideia de uma “alma”, entendida como alguma parte imaterial do corpo. Nem a Bíblia cristã. O dualismo corpo-alma predomina na cultura secular e cristã. No entanto, a melhor visão – encontrada tanto na neurociência

⁸⁴⁷ WALTON, John H. *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament: introducing the conceptual world of the hebrew Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2006, p. 214.

contemporânea quanto na teologia cristã – pensa na humanidade como uma unidade física – um único corpo, não um corpo e uma alma.⁸⁴⁸

Não há qualquer conceito de uma alma imortal no AT, nem o NT alguma vez chama a alma humana de imortal.⁸⁴⁹

67. Joel B. Green (1956-atual)

(Teólogo metodista, doutor em filosofia, professor de NT no Seminário Teológico Fuller e reitor do Seminário Asbury)

Nada no ser humano criado é intrinsecamente imortal. A ressurreição e a vida após a morte encarnada são obra de Deus, presente divino.⁸⁵⁰

Que tipo de Deus seria aquele capaz de regozijar-se eternamente no céu com os salvos, enquanto lá embaixo os gritos dos perdidos fazem uma cacofonia agonizante? Tal Deus não é a pessoa revelada nas Escrituras como totalmente justa e totalmente amorosa.⁸⁵¹

⁸⁴⁸ McGRATH, Alister. *The Big Question: why we can't stop talking about science, faith and God*. New York: St. Martin's Press, 2015, p. 138.

⁸⁴⁹ McGRATH, Alister. *The Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought*. Cambridge: Blackwell Publishing, 1995, p. 101.

⁸⁵⁰ GREEN, Joel B. *Body, Soul, and Human Life: the nature of humanity in the Bible*. Michigan: Baker Academic, 2008, p. 140.

⁸⁵¹ GREEN, Joel B. *Evangelism Through the Local Church: a comprehensive guide to all aspects of evangelism*. Vancouver: Regent College Publishing, 2012, p. 69.

68. David P. Gushee (1963-atual)

(Ministro batista, doutor em ética cristã e autor de mais de 100 artigos acadêmicos)

Ao contrário da noção grega de que o corpo se decompõe enquanto o eu flutua para o céu, um entendimento bíblico (principalmente judaico) não parece visualizar qualquer existência separável desse tipo entre corpo e alma ou espírito. Quando morremos, tudo em nós morre. (...) Se houver alguma continuação da existência depois da morte, terá de ser em um corpo reanimado ou recriado que Deus simplesmente decidiu tornar vivo novamente.⁸⁵²

69. Dicionário Bíblico Vida Nova (2000)

(Obra de referência editada por Derek Williams, com mais de dois mil verbetes)

Várias palavras são usadas para descrever o homem em seu relacionamento com Deus e seu ambiente, tais como espírito, alma, corpo e carne. Elas não descrevem partes distintas da constituição humana, mas chamam a atenção para diferentes aspectos da atividade de uma pessoa. Desse modo, "alma" pode destacar a individualidade e a consciência pessoal, e "corpo" os aspectos históricos e externos de sua vida, mas ambos são inseparáveis para

⁸⁵² GUSHEE, David P. *Only Human: christian reflections on the journey toward wholeness*. San Francisco: Jossey-Bass, 2005, p. 49-50.

sempre; a Bíblia não ensina a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo, ou seja, a salvação e renovação da pessoa toda.⁸⁵³

70. Dicionário Brasileiro de Teologia – Aste (2008)

(Principal publicação da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos;
verbete do Dr. Nélio Schneider)

Na perspectiva bíblica, o ser humano não consiste de duas ou até mesmo de três partes; alma e espírito tampouco constituem funções ou princípios especiais do ser humano, localizados dentro do corpo e que o distinguiriam do ser animal. (...) A Bíblia tem como pressuposto a indivisibilidade do ser humano, ou seja, sua integridade essencial; isso quer dizer que a existência humana jamais poderá ser parcial e continuar sendo existência humana. (...) O corpo não é mais importante que a alma nem a alma mais importante que o corpo, até porque não se pode conceber uma visão isolada de ambos. Uma dimensão não tem existência sem a outra.⁸⁵⁴

Biblicamente a transitoriedade e mortalidade do corpo implicam a transitoriedade e mortalidade da alma, pois se tem uma concepção do ser humano integral. Inversamente, a valorização da alma como princípio da vida e espiritualidade implica valorização do corpo como

⁸⁵³ WILLIAMS, Derek. *Dicionário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 158.

⁸⁵⁴ SCHNEIDER, Nélio. "Alma (corpo, espírito)". *Dicionário Brasileiro de Teologia* (org. Fernando Bortolletto Filho). São Paulo: ASTE, 2008, p. 30.

templo da habitação divina, primeiro em Jesus Cristo e depois na comunidade cristã como corpo de Jesus Cristo.⁸⁵⁵

Faltaria-nos tempo para falar de Robert Baker Girdlestone, Edward Green, William Branham, Harold Camping, Roger Foster, Richard Bauckham, Nigel Wright, Robert Brow, Charles Gore, Henry Grew, Homer Hailey, Harold Guillebaud, Oliver Chase Quick, Charles F. Hudson, Freeman Barton, Michael Green, Eric Lewis, Ulrich Ernst Simon, James Nichols, Norman McFarland, Charles H. Welch, J. Howard Shaw, Robert Brow, Warren Prestidge, F. LaGard Smith, Scot McKnight, John G. Stackhouse Jr, Richard Bauckham, David Powys, John Zens, Christopher M. Date e tantos outros estudiosos conceituados de todas as denominações cristãs que igualmente abandonaram a crença na imortalidade incondicional para aderir ao condicionalismo bíblico, tornando cada vez mais inconcebível associar o mortalismo ao sectarismo.

Mesmo assim, ainda hoje há apologistas imortalistas que repetem, por ignorância ou má-fé, o discurso manjado e superado de que o mortalismo é uma “crença de grupos sectários” desacreditada pela totalidade dos acadêmicos. Pelo contrário, cada vez mais estudiosos do mais alto escalão reconhecem a verdade bíblica sobre a natureza mortal do homem, embora muitos deles sejam pouco conhecidos por aqueles que não estão familiarizados com a literatura acadêmica. Dizer que a alma não é imortal pode certamente soar um escândalo nas igrejas superlotadas de gente deliberadamente mantida à margem do conhecimento e

⁸⁵⁵ ibid.

que só sabe o que ouve do pastor ou aprende na EBD, mas soa absolutamente natural em um ambiente acadêmico, onde o holismo é debatido a sério e aceito por não poucos teólogos.

Enquanto as apostilas da escola dominical e os manuais de catequese só ensinam a visão dicotômica e tricotômica da natureza humana, fingindo que o holismo não existe para que ninguém tenha contato com ele, nos seminários e universidades sérias todas as visões são apresentadas e debatidas abertamente, com muitos defensores de cada lado. Assim, enquanto os estudiosos estão cada vez mais abertos ao condicionalismo, as massas de fiéis que compõem as igrejas permanecem presas numa bolha, bitoladas nos mesmos clichês e com uma visão deformada da realidade. Essa é justamente a razão da escrita deste livro, que busca trazer ao leitor comum o conhecimento já há muito tempo acessível no meio acadêmico.